

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#23 (tomo 1) Jan. 2020

NECRÓPOLE DAS TOUÇAS (Sabrosa)

**Cerro do Castelo de
Alferce: um emblemático
sítio arqueológico**

**Botões de Uniforme ao
Tempo da Guerra Peninsular**

**Artes do Couro: os estojos
dos séculos XIII-XIV**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Montagem sobre fotografia da Necrópole das Touças, sítio arqueológico de cronologia predominantemente medieval localizado no Município de Sabrosa. Observam-se alguns dos ortostatos ou pedras fincadas que acompanham as sepulturas e sarcófagos escavados na rocha e, em segundo plano, vê-se ainda um marco de demarcação da Ordem de Malta datado de 1776.

Foto | © Gerardo Gonçalves e Dina Pereira.



II Série, n.º 23, tomo 1, Janeiro 2020

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede (proprietário, editor e redacção) |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação
e Restauro do Património

Monumental, Ld.^a / Câmara
Municipal de Oeiras / Associação dos
Arqueólogos Portugueses

Apoio | Neopéica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

As presentes diversidade e proficiência da Arqueologia portuguesa estão bem patentes nas páginas deste tomo da *Al-Madana Online*. Aqui encontramos os resultados de trabalhos de natureza preventiva, mas também de projectos de investigação plurianual, em sítios como a Necrópole das Touças (Sabrosa), o Castro das Coroas (Cinfães), as estruturas defensivas do Cerro do Castelo de Alferce (Monchique) e do Castelo de Miranda do Douro, o povoado fortificado do Outeiro do Circo (Beja), ou os contextos urbanos da Rua de Santa Margarida, em Santarém. À diversidade geográfica e de realidades crono-culturais associam-se diferentes enquadramentos institucionais e abordagens técnico-científicas e metodológicas multidisciplinares. Estas vão da prospecção de superfície às sondagens de diagnóstico e ao acompanhamento de obras, incluindo a incorporação da Geofísica, da aerofotogrametria com drones e da modelação tridimensional de terreno no processo de intervenção e investigação arqueológica. Sem esquecer a necessária sociabilização do conhecimento assim produzido através da Educação Patrimonial.

A abrangência geográfica é alargada ao mundo da lusofonia, através de artigo dedicado aos fornos de cal artesanais de Estaquinha, em Moçambique, que traça paralelos com os conhecidos em território português, em destaque no tomo anterior.

Seguem-se estudos sobre os botões de uniformes militares ao tempo da Guerra Peninsular resultante das invasões francesas (1807-1814), o sinete municipal de Vila Franca do Campo, na Ilha de S. Miguel (Açores), e a porcelana decorada de uma tipologia muito particular – *kinrande* – identificada entre o espólio da Rua da Judiaria, em Almada.

Três temas justificam a livre expressão da opinião de investigadores portugueses: os mecanismos de valoração do Património, tendo por base a arte rupestre do Vale do Rio Côa, em Portugal, e de Siega Verde, em Espanha; as dinâmicas de (re)construção e interpretação do Passado em Arqueologia; e o movimento cidadão gerado por obra que afecta a Anta 1 de Vale da Lage (Tomar).

A arte de trabalhar o couro volta a merecer publicação, agora com um texto dedicado aos estojos dos séculos XIII-XIV; outro artigo analisa o impacto das reformas pombalinas em Lisboa, após o terramoto de 1755, no modelo urbano de outras cidades portuguesas e brasileiras; um terceiro cruza várias fontes para perceber o que sucedeu à comunidade muçulmana de Alcácer do Sal após a reconquista cristã, em 1217.

Como é habitual, o tomo encerra com noticiário arqueológico variado, resenhas e destaques de livros e revistas apresentados nos últimos meses. Dedicamos ainda espaço à partilha de informação sobre eventos científicos e patrimoniais, com balanço de alguns já realizados e agenda dos entretanto anunciados.

São 180 páginas onde, creio, se encontrarão bons momentos de leitura.

Jorge Raposo

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos
Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica** | Jorge Raposo

Revisão | Rui Eduardo Botas, Fernanda
Lourenço e Sónia Tchissolle Silva

Colaboram neste número |

Sérgio Amorim, José Arrais, Luísa
Batalha, Nuno Bicho, Rogério P. de
Campos, Fábio Capela, Guilherme
Cardoso, António Carneiro, Aníbal

Costa, Ana Cruz, Pedro Cura,
Pedro Dâmaso, Diogo T. Dias,
M^a Isabel Dias, José d'Encarnação,
Rui R. Filipe, José P. Francisco,
Cristina Gameiro, M. García-Heras,
D. García Rivero, Tiago Gil, Célia
Gonçalves, Gerardo V. Gonçalves,
Florian Hermann, Carlos Jorge,
Francisco Leal, Marta I. C. Leitão,
Virgílio Lopes, Isabel Luna, Andrea
Martins, César Neves, M^a de Fátima
Palma, Dina B. Pereira, Franklin
Pereira, Rui Pinheiro, Eduardo Porfírio,

José C. Quaresma, Jorge M. Resende,
Fernanda Rodrigues, Nuno Santos,
Miguel Serra, Fernando R. Silva,
Pedro da Silva, Vanessa Sousa,
Telma Tavares, Ruth Taylor,
Félix Teichner, Marco Valente e
Humberto Varum.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madana Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

São Cucufate

villa romana que é do Povo!

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Comemoraram-se, a 21 e 22 de Setembro de 2019, na Vidigueira, os 40 anos do início dos trabalhos arqueológicos na *villa* romana de São Cucufate, iniciativa conjunta da Direcção Regional da Cultura do Alentejo, do CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) e da Câmara Municipal de Vidigueira.

A *villa* já era conhecida antes dessas campanhas levadas a efeito pela equipa luso-francesa, a partir de 1979. Fora D. Fernando de Almeida quem, mais detidamente, até aí a explorara; contactado, não teve a menor dúvida em apoiar a realização de novos trabalhos, agora a cargo, pela parte portuguesa, de membros do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob orientação do Doutor Jorge de Alarcão; e, pela parte francesa, do Centre Pierre Paris (Université de Bordeaux III), sob a responsabilidade do Professor Robert Étienne e da Doutora Françoise Mayet.

Depois de um “itinerário urbano”, que se centrara na escavação sistemática da área político-administrativa de *Conimbriga*, quisessem os arqueólogos conhecer melhor a ruralidade da Lusitânia romana. Daí, a escolha. Realizaram-se campanhas de um mês no Verão, até 1984, que vieram a ter continuidade através da actividade complementar do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal da Vidigueira, o primeiro gabinete do género a ser criado em Portugal.

Aspecto da assistência à sessão científica e intervenientes na mesma.



Teve dois momentos a evocação ora levada a cabo.

No primeiro dia, uma sessão de cariz científico internacional, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, em que se enquadraram os resultados obtidos no âmbito geral dos conhecimentos agora alcançados. Após as intervenções – que, sublinhe-se, não foram meramente protocolares – do Presidente do Município de Vidigueira, Rui Manuel Serrano Raposo, e da Directora Regional da Cultura do Alentejo, Ana Paula Amendoira, começou-se por chamar a atenção para um aspecto nem sempre tido em consideração, num caso, como este, em que era preciso prever, em tempo oportuno, a logística necessária ao bom funcionamento de uma equipa que ultrapassou sempre a meia centena de participantes.



Françoise Mayet integrou, de seguida, o projecto das escavações de São Cucufate no plano gizado pela Mission Archéologique Luso-Française em Portugal.

Portugal.

Jorge Alarcão completou, na intervenção a que deu o título de “O Projecto Arquitectónico Interrompido de S. Cucufate”, o que já se escrevera sobre a arquitectura da *villa*, anotando duas outras hipóteses de reconstituição de ambientes, resultantes da reflexão posterior à publicação dos dois volumes que reúnem os resultados obtidos na escavação, *Les Villas Romaines de São Cucufate* (Portugal) [Paris, 1990].

Nesse mesmo plano da arquitectura, interveio depois Gérard Charpentier, da Maison de l’Orient et de la Méditerranée (Université Lyon 2), que foi o arquitecto deste projecto, dando conta do estudo arquitectónico dos vestígios de São Cucufate e das inovadoras hipóteses de restituição encetadas.

Ricardo González Villaescusa (Université Paris - Nanterre) enquadró a investigação feita em

São Cucufate no plano geral dos novos olhares com que hoje se encaram as *villae*: “De la *villa* agrícola a la arqueogeografía: 40 años de evolución del patrimonio arqueológico” foi o título da sua comunicação.

João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património), fez o ponto da situação dos conhecimentos que ora já se têm acerca das *villae* marítimas no Algarve, uma comparação útil com a *villa* de cariz agrário em análise.

Inês Vaz Pinto integrou o estudo que fizera e que constituiu a sua tese de doutoramento – *A Cerâmica Comum das Villae Romanas de São Cucufate* (Beja), Lisboa, Universidade Lusíada Editora, 2003 –, no horizonte da investigação em curso sobre as cerâmicas comuns romanas do Alentejo.

Ricardo Cabral e Martino Correia, da empresa THEIA - Tecnologia, Património e Investigação em Arqueologia, e também investigadores do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património, apresentaram “Senseos, um Projecto Inovador na Monitorização do Património e na Protecção do Território”, cujo alcance nesses dois domínios é, de facto, considerável, especialmente tendo em conta que se utilizam, em tempo real, imagens colhidas por satélite.

Por fim, Cláudio Torres, do Campo Arqueológico de Mértola / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património, contou – na comunicação que intitulou “A Arqueologia e os Problemas de História Rural” – de que estratégias se lança mão em Mértola para que os vestígios arqueológicos sejam devidamente apreciados e se incluam no dia-a-dia da população.

Vasco Gil Mantas – que não esteve presente nas comemorações – enviou, a esse propósito, uma mensagem para o fórum *Archport*, no dia 22 de Setembro, em que, após referir o seu regozijo pela celebração dos 40 anos das escavações luso-francesas, recordou “o programa paralelo de prospecção sistemática em cerca de 2600 hectares em torno da villa (a



Actuação de um dos grupos corais.

primeira realizada em Portugal) e a série de sondagens em parte dos mais de meia centena de sítios de tipologia diversificada, entre os quais algumas villae, que permitiram uma leitura mais correcta da história rural romana da zona”. E lembrou os nomes dos membros da equipa que, além dele próprio, se ocuparam dessa investigação: António Nunes Monteiro, Jean-Gérard Gorges e Pierre Sillières.

No segundo dia, domingo, 22 – sempre acompanhados, como, aliás, acontecera no dia anterior, pelo presidente da autarquia, Rui Raposo, por Susana Damas, presidente da Junta de Freguesia de Vila de Frades, e pela Directora Regional da Cultura, Ana Paula Amendoeira –, todos os actos decorreram nas ruínas.

O povo acorreu em massa para admirar a intervenção artística INTEMPORAL - estratégias para habitar um monumento, da autoria da artista colombiana Alejandra González Soca, de que constavam também testemunhos de vizinhos e de trabalhadores, assim como para ver a exposição em que se incorporaram trabalhos de utentes do Centro de Dia; efectuar a visita guiada ao sítio; e assistir, no pequeno auditório do centro de

interpretação, à projecção de cenas do que o seu autor e produtor, Tiago Pereira, designou “escultura sonora: *Memórias de S. Cucufate*”, cuja finalidade é registar os depoimentos de quantos colaboraram nas escavações e daqueles que sentem São Cucufate como pertença sua.

Depois de se terem ouvido dois grupos corais – um deles dirigido pelo Padre Reis, prior da Vidigueira nos primeiros anos das campanhas –, todos os presentes foram convidados a participar na adiafa. Celebrava-se, desta sorte, a iniciativa que a equipa de arqueólogos instituiu desde o primeiro ano: no último dia da campanha, o trabalho terminava mais cedo e trabalhadores e arqueólogos confraternizavam, comendo e bebendo à saúde! E, de novo, os componentes dos grupos corais não hesitaram em cantar, sendo uma das modas mais aplaudidas a que directamente enaltece o significado das ruínas de São Cucufate.

Escreveu Jorge Alarcão, na colecção *Roteiros do Património*, o livrinho sobre São Cucufate que termina assim: “*Ficou deserto o casarão, pasmado, amargurado de tanta solidão. Agora, quem o visita, se o souber entender, o ressuscita*”. Ressuscitou-se. Falou-se em povo: gente, pessoas, habitantes; não em povo / povoado. Que as ruínas da *villa* romana de São Cucufate estão longe do povoado, mas encontram-se bem no coração do Povo. E se algo de mui relevante há a reter destas comemorações é essa evidente verificação: o Povo de

Vila de Frades e da Vidigueira sente as ruínas como suas, a ponto, como se disse, de lhes dedicar modas.

Juntou-se o Povo aos membros da equipa. Fez-se a adiafa. Confirmou-se: a *villa* romana é do Povo! Assume, desta forma, todo o seu sortilégio o sentido etimológico da palavra “Património”: a herança que se quer salvaguardar! ✎



Panorâmica sobre o estabelecimento termal.